



ARTIGO ORIGINAL

MOTIVAÇÕES PARA A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR SOB A ÓPTICA DO ADOLESCENTE

REASONS FOR VIOLENCE IN SCHOOL IN ADOLESCENTS' PERCEPTION

RAZONES DE LA VIOLENCIA EN LA ESCUELA EN LA PERCEPCIÓN ADOLESCENTES

Luciana de Lourdes Queiroga Gontijo Netto Maia¹

Alisson Araújo²

Adelino da Silva Santos Júnior³

RESUMO: Objetivos: compreender as motivações que levam à prática de violência no contexto escolar, sob a óptica dos adolescentes. **Método:** utilizou-se o método qualitativo, sendo os dados colhidos por meio de entrevista. Os dados foram avaliados por meio da análise de conteúdo. **Resultados:** para os adolescentes, as motivações para a violência escolar foram: questões relacionadas à relações entre parceiros afetivos, desrespeito às características físicas e sociais dos sujeitos, resistência à imposição de regras, influência da estrutura familiar e uso de drogas. **Considerações finais:** a pesquisa mostra que a origem da violência tem raízes multifatoriais. Ressalta-se a necessidade de integrar ações de diversos setores ao contexto das práticas no cotidiano da escola, na perspectiva de construção de uma rede que permita prestar melhor assistência e conseguir maior adesão dos adolescentes, direcionando ações para empoderá-los sobre seus direitos de acesso aos serviços de promoção da saúde.

Descritores: Pesquisa qualitativa; Violência; Adolescente; Estudantes; Educação.

ABSTRACT: Objective: to understand the motivations that lead to the practice of violence in the school context from the perspective of adolescents. **Method:** we used the qualitative method, and data collected through interviews. The data were evaluated using content analysis. **Results:** for adolescents, the reasons for school violence were issues related to affective relations between partners, disregard for the physical and social characteristics of the subjects, resistance to the imposition of rules, influence of family structure and drug use. **Conclusion:** the research shows that the source of violence is multifactorial roots. We stress the need to integrate actions from various sectors in the context of everyday practices of the school, the prospect of building a network capable of providing better care and achieve greater compliance of adolescents, guiding actions to empower them on their access rights services of health promotion.

Descriptors: Qualitative research; Violence; Adolescent; Students; Education.

RESUMEN: Objetivos: entender las motivaciones que llevan a la práctica de la violencia en el ámbito escolar desde la perspectiva de los adolescentes. **Metodología:** se utilizó el método cualitativo, y los datos recogidos a través de entrevistas fueron evaluados mediante análisis de contenido. **Resultados:** para los adolescentes, las razones de la violencia escolar fueron las relaciones afectivas, desconocimiento de las características físicas y sociales de los sujetos, resistencia a la imposición de normas, influencia de la estructura familiar y consumo de drogas. **Conclusión:** la investigación muestra que el origen de violencia es multifactorial raíces. Destaca la necesidad de integrar acciones de varios sectores en el contexto de las

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFMG. Professora da Universidade Federal de São João Del Rei. luciananetto@ufs.ju.edu.br

² Enfermeiro. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG. Professor da Universidade Federal de São João Del Rei. alissonenf@hotmail.com

³ Discente do Ensino Médio. Bolsista da FAPEMIG - PIBIC Júnior. adelinoj08@gmail.com



prácticas cotidianas de la escuela, la perspectiva de construir una red capaz de ofrecer mejor atención y lograr un mayor cumplimiento de los adolescentes, para orientar las acciones para fortalecerlas en sus derechos de acceso servicios de promoción de la salud.

Descritores: *Investigación cualitativa; Violencia; Adolescente; Estudiantes; Educación.*

INTRODUÇÃO

A violência é considerada um fenômeno complexo, pois atinge tanto o espaço público quanto o privado na sociedade. Percebe-se que não ocorre um ato denominado violência, mas violências, as quais se configuram como expressões da exacerbação de conflitos sociais, cujas especificidades precisam ser conhecidas¹. A violência, e mais especificamente aquela que ocorre no contexto escolar, constitui um fenômeno de dimensão estrutural, social e cultural que, segundo estudiosos, pode ter sua origem e dinâmica centradas em razões que perpassam pela ordem da cultura, do social, do econômico e do psicológico, ampliando sua possibilidade de atingir todos os estratos da sociedade.²⁻³

O direcionamento dos estudos acerca da violência que afeta, principalmente, a população infantil tem se tornado cada vez mais constante, com trabalhos que abordam desde a investigação da vitimização direta da violência, passando para questões de violência que acontece entre os pais e, chegando à tendência atual da abordagem dos múltiplos fatores envolvidos nesse contexto. Diversos estudos abordam os tipos de violência contra crianças e adolescentes, os quais ocorrem em ambientes distintos como a escola, o âmbito doméstico e a comunidade, utilizando para isso diferentes formas e abordagens metodológicas.⁴⁻⁵

Perante o exposto, é fundamental à atuação do profissional de saúde compreender a dinâmica do processo gerador de violência para atuar na tentativa de prevenir maiores agravos decorrentes dos atos de violência, bem como detectar precocemente situações possivelmente deflagradoras desse processo.⁶

No que tange ao fenômeno da violência na escola, há ainda um agravante que reside no fato de que os alunos são vitimados em um ambiente socioculturalmente considerado seguro, onde a exposição aos fatores motivadores do ato de violência são constantes. Diante disso, a instituição escolar, que é considerada como responsável pela educação e proteção dos adolescentes, acaba por envolver-se direta ou indiretamente em práticas excludentes e violentas para essa população vulnerável, nos aspectos físico e psicológico do desenvolvimento humano e no aspecto legal de autonomia para o cuidado de si.

Esse paradoxo entre ambiente de proteção e exposição pode ser explicado pela imposição de regras e pelas fortes relações de poder construídas no interior da escola em confronto direto com uma característica típica da adolescência, qual seja: a necessidade de contestação e transgressão de normas pré-estabelecidas.⁷ Soma-se a fase de formação da identidade, reconhecimento grupal entre os pares e de experimentação diante do sentir-se invulnerável.⁸

É consenso que os danos das situações violentas na vida e na integridade física e mental de crianças e adolescentes, decorrentes da pouca confiança no ambiente em que vivem e convivem, podem atingir negativamente o processo de desenvolvimento do adolescer, gerando, por exemplo: dificuldade para expressão, déficit de atenção, hiperatividade, comportamentos antissociais, baixa autoestima e pouca ambição. Isso pode desembocar no desenvolvimento de comportamentos agressivos ou defensivos, manifestando-se em retraimento e depressão^{4,9} com prejuízos severos à qualidade de vida infantil e alto risco de desajustamentos futuros, com repercussões na vida escolar, social e familiar.^{4,10}

Apesar de bastante comuns, os estudos ainda são inconsistentes e necessitam de maior aprofundamento, pois desvelam algumas facetas da complexidade das relações entre o contexto de violência e a vulnerabilidade da criança exposta a essas situações. Destaca-se o contexto escolar, no qual essas situações nem sempre são vistas de forma clara, até mesmo pelos envolvidos diretamente na situação. Esse desconhecimento pelas partes envolvidas dificulta e até mesmo impede que sejam implantadas/implementadas ações de proteção à vida e ao desenvolvimento das crianças e adolescentes no sentido de prevenir situações de violência, bem como de minimizar seu impacto na vida dos expostos e desenvolver o cuidado à sua saúde. Nesse sentido, torna-se necessário questionar quais os motivos para as violências na escola. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi compreender as motivações que levam à prática de violência no contexto escolar, sob a óptica dos adolescentes.

MÉTODO

Pesquisa de abordagem qualitativa, coerente com a investigação de conceitos e motivações.¹¹ Para tanto, foram abordados adolescentes, alunos de uma escola pública do ensino fundamental e médio do município de Divinópolis, Região Centro-Oeste do Estado de Minas Gerais, Brasil. Os adolescentes foram selecionados, aleatoriamente, segundo os critérios: estar matriculado e frequente no ensino fundamental e médio da referida escola e ter entre 10 e 19 anos de idade. Esses adolescentes foram convidados a participar do estudo e entrevistados pelos autores desta pesquisa, em sala reservada, na própria escola. Foi utilizado um roteiro de perguntas que tratavam das motivações que levam um membro da comunidade escolar a praticar um ato de violência.

Por se tratar de pesquisa envolvendo sujeitos menores de idade, todos os responsáveis legais dos adolescentes entrevistados que aceitaram participar da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e os adolescentes assinaram o termo de assentimento livre e esclarecido, após explicações acerca dos objetivos da pesquisa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FUNEDI/UEMG sob Parecer nº. 56/2010, de 04/10/2010.

Os nomes dos entrevistados foram substituídos pelo código "E" seguido de numeração sequencial determinada aleatoriamente, a fim de garantir o anonimato. A pesquisa foi conduzida de acordo com padrões éticos exigidos pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando os critérios de equidade, confidencialidade das informações, voluntariedade, beneficência e não maleficência.

Como instrumento de pesquisa utilizou-se a entrevista semi-estruturada individual aberta e gravada, conduzidas pela questão norteadora: *"Conta pra mim, em sua opinião, quais são os motivos que levam a ocorrer a violência na escola?"*. Todos os alunos consentiram a gravação e nenhum se opôs a esse procedimento.

Para determinação do número de entrevistados foi usado o critério de saturação. Para análise, as entrevistas foram transcritas e após analisadas pelo conteúdo, objetivando maior entendimento do pesquisador na análise de material qualitativo, adquirindo uma melhor compreensão e classificação dos depoimentos, desvelando os aspectos mais relevantes com fidedignidade na tradução dessas narrações.¹²

A análise do conteúdo das falas dos adolescentes resultou em cinco categorias, que foram identificadas e organizadas por seus núcleos de sentido, apresentadas e discutidas a seguir: questões relacionadas a relações entre colegas e parceiros afetivos; desrespeito às características dos sujeitos; resistência à imposição de regras, influência da estrutura familiar e uso de drogas e marginalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questões relacionadas a relações entre parceiros afetivos e colegas

Muitas são as motivações para a prática de violência no cotidiano dos adolescentes, no contexto escolar, envolvendo aspectos ligados às relações afetivas e aos colegas.

Nesse estudo pode-se compreender que existe diferença entre os motivos apresentados pelos meninos e pelas meninas para a prática da violência, independente do tipo, se física, psicológica, danos ao patrimônio ou outra. Mesmo sendo considerado um motivo injustificável para os adolescentes, pelos discursos, nota-se que as relações entre parceiros afetivos constituem-se na principal motivação para a violência física. Destaca-se que as meninas têm assumido a liderança no *ranking* das brigas por este motivo:

[...] ultimamente tá tendo muita briga aqui na escola de mulher, não de homem. (E8)

Provavelmente por causa de homem. Normalmente a violência é entre as meninas. Não vi meninos brigando por meninas. Normalmente são as meninas que brigam por causa dos meninos. Os meninos brigam por outros motivos. (E2)

Uma menina gosta de um menino e acha que ele tem que ficar com ela. Vai que o menino não gosta dela e fica com outra? Aí ela fala que vai bater na outra e bate no final da aula, de fora da escola. (E1)

A fala dos adolescentes deixa clara a diferença entre fatores motivacionais para a violência, principalmente física, entre os pares. Houve diferença de gênero (meninas e meninos) e de idade entre o grupo de adolescentes. Enquanto entre as meninas deflagra-se violência por questões relacionadas à afetividade, entre os meninos a violência é uma forma de estabelecer uma relação de domínio e poder com os demais. Para eles, a violência é uma tentativa de se firmar como líder, inclusive, usando atributos físicos para este fim. Mesmo quando se trata de relacionamentos afetivos a motivação masculina recai ainda sobre a conquista, ou seja, à propriedade e não à afetividade.¹³

Para os adolescentes, a motivação da violência passa por características do grupo que influenciam nas relações com o outro:

O motivo de briga deles é diferente, os meninos mais novos brigam mais por questões, ah deu um empurrãozinho, encostou, aí eles não aceitam e já brigam. As meninas por volta de quinze, quatorze anos é por causa de meninos ou senão por mostrar pras amigas mesmo [...]. (E8)

Motivo? Os dois sempre tinham andado estressados assim, um com o outro, por causa de namorada, alguma coisa assim. [...] Os meninos brigam mais por causa disso mesmo também, por causa de um fala do outro, aí o outro não aceita as coisas assim. (E4)

Ele é grandão. Ele tem um metro e oitenta. Aí começou a briga. Depois quando o menino saiu da sala [...] já sabia que não ia aguentar, foi embora. [...] Tava dentro da escola, fugiu e chegou lá

na casa dele, ele tava com trinta e oito de febre. Todo mundo tem medo dele. Menos um menino grandão lá. (E5)

A ameaça do novo, sem identificação com o grupo já formado, o abuso de poder daqueles que são considerados mais fortes, que têm mais idade e/ou que representam mais autoridade na escola, também podem ser considerados motivos para a violência.¹⁴

Sabe-se que o fenômeno da violência no contexto escolar não pode ser dissociado da violência que acontece na sociedade em geral. A miséria, a exclusão, a corrupção, a desigualdade, o autoritarismo, a falta de ética e a concentração de renda e poder, chagas complexas de nossa sociedade, estão intimamente articuladas e inter-relacionadas à manutenção da violência no nosso cotidiano. A violência decorre desse contexto multicausal de fragilidade social, onde o abuso e desrespeito aos direitos humanos são nítidos e banalizados e até mesmo legitimados e naturalizados pela sociedade. Essas fragilidades acabam por favorecer a exposição dos adolescentes a situações evitáveis de risco para a sua saúde e até mesmo para a sua vida.⁶

Por outro lado, alguns alunos dos últimos semestres do ensino médio, apontam ainda que a tenra idade com sua maturidade ainda em construção pode acabar por facilitar a ocorrência de violência, não por motivo direto, mas por não conseguir frear os sentimentos que levam a cometer o ato violento, justificando a maior frequência de violência nos primeiros anos do ensino fundamental:

Porque já são mais maduros, né [...] tenta passar por cima das coisas, já vê que o motivo que eles brigavam antes era muito banal pra brigar hoje em dia, né [...] que não há necessidade de uma briga para resolver uma situação. Apesar que eu acho que não tem motivo nenhum, né, isso vai de cada pessoa. (E8)

[...] nem acontece com eles mais, minha sala nem dá vexame mais, mas assim, era falta de maturidade também, mas também é por que assim ó: - a gente era novo, num [...] agora a gente no terceiro ano, a gente vê que aquilo lá é ridículo [...]. (E9)

O processo de maturidade dos sujeitos é um processo natural e só se desenvolve ao longo do tempo, deixando para trás propriedades como irresponsabilidade e imaturidade inerentes aos adolescentes, origem da riqueza do pensamento criativo, da ação por impulso e da liberdade de ideias.¹⁵

Mesmo assim, apesar da idade, alguns adolescentes ainda relatam a existência de violência deflagrada por motivos fúteis, por coisa à toa, onde o ato se torna mais uma consequência da incapacidade de suportar pressões a que estão submetidos e frustrações do seu dia-a-dia. O sentimento de impotência diante de fatos da vida reflete na escola sob a forma de atos violentos sem justificativa:

Elas procuram briga por coisa à toa, os meninos pegam a borracha, jogam lá em baixo pela janela. Aí, não sei o que é que tem, vou te pegar no final da aula, "cê" vai ver comigo [...]. (E1)

O motivo eu não sei, só sei que eu não procuro ficar por dentro disso, mas se fala que vai pegar na porta da escola acontece mesmo, vem gente de outra escola também, às vezes. (E2)



É aí as mulheres chega tirando satisfação de coisa pequena [...] que é para mostrar pras amigas que ela manda, que ela é a chefona [...]. (E8)

Estabelecer limites e desenvolver a capacidade de se relacionar com o próximo pode ser difícil ao se considerar que esses valores não foram, por vezes, construídos no âmbito familiar, onde os padrões de educação construídos são contrários às normas de convivência e respeito para com o outro.¹

Apesar da convivência cotidiana com a violência, os adolescentes ainda reconhecem que se trata de um ato desnecessário e deplorável ao ser humano, mostrando que ainda há tempo para mudar esse cenário, mesmo que, inicialmente, apenas no contexto escolar, como relatado na fala a seguir:

[...] os dois eram tão gente boa um com o outro. Não achei o que eles fizeram legal. (E5)

Essa indignação deve ser aceita e usada de forma produtiva. Acreditar que a violência não é benéfica é o primeiro passo para reconhecê-la enquanto problema em nossa sociedade, partindo para apresentação de propostas para trabalhar esse problema nas escolas com objetivo de eliminar/minimizar seus efeitos deletérios.

Desrespeito às características dos sujeitos

A violência psicológica encontra motivação, principalmente, no preconceito referente aos aspectos físicos, emocionais, comportamentais e de personalidade, às relações étnicas, de idade e de gênero, às carências afetivas ou às condições sociais, econômicas, culturais, políticas e religiosas dos sujeitos.^{6,16} Essas características são utilizadas para fins escusos e inaceitáveis, denegrindo a imagem destes, gerando apelidos e tornando o sujeito motivo de gozação, discriminando-o e afastando-o do convívio com os demais:

Pode até ter sido por ele ser "afeminado", porque sempre "rola" um "tiquinho" de preconceito nisso e às vezes arrumou uma desculpa qualquer e começou a bater nele. (E3)

Os meninos estavam falando você é "oreiudo", você não joga bem futebol. Aí eu falei: você é pequenininho, você é dentuço, eu sou grande. Aí começou (o desentendimento), aí no final da aula é, ele: e agora quem é dentucinho!? "Ocê!" até hoje você não me surpreende. Aí começou a briga, aí. (E5)

Tem uma sala aqui que chama PAV, até o nome já diz: - pavilhão, assim, é muito feio eu não sei pra que tem esse nome [...] Pavilhão [...] Cadeia! Parece um bando de sem educação, pessoas difíceis, mas se você continuar tratando elas dessa mesma maneira elas não vão mudar, sabe [...] falam que não vai levar a sala pra um tipo de passeio. Os professores já falam: - nossa, agora eu vou lá pro PAV! Eu acho que os alunos são difíceis mesmo, mas se continuar colocando essa pressão, falando como eles são ruins, pra que eles vão melhorar!? Até os professores lembram pra eles como eles são ruins. Não tem ninguém apoiando [...] eu acho que [...] tem aluno

[...] que [...] quer sair da sala. Eu acho que o professor [...] tem aluno lá, [...] que tem dificuldade, mas não é questão de bagunça, muito calado. Ninguém tenta mudar ele [...] ele saiu e voltou de novo pra escola, quando ele voltou, eles não queriam ele na sala melhor, eles queriam lá no PAV. Então, ele tem vontade de melhorar [...] mas [...] quando você vê esse menino com um monte de aluno que também não quer nada, isso dificulta. Eu acho que [...] se eles começarem a generalizar a sala toda, aí que piora mesmo a situação de quem quer, sabe!? (E10)

Estudos mostram que ao se sentir estigmatizado, o sujeito, apesar da desvantagem decorrente do estigma, reage instintivamente e procura retirar alguma vantagem da sua situação, partindo para o enfrentamento junto aos demais, demarcando e impondo o seu espaço pelo poder, pelo medo, pela força e pela violência, na tentativa de se afirmar e ser reconhecido perante o grupo.¹⁶

Esse tipo de violência, representada pela falta de respeito e de tolerância com o outro, pela coisificação, pela negação do outro, somadas à falta de solidariedade, humildade, companheirismo e violação dos direitos humanos, embora não seja de forma generalizada, são valores que encontram dificuldade de manutenção na sociedade contemporânea. Isso faz com que a sociedade clame por mudanças, mesmo que de forma pouco audível à maioria. Se simplesmente fecharmos os olhos e continuarmos desrespeitando as diferenças que são tão salutares para os seres humanos acabaremos seguindo submissos rumo à barbárie.¹⁴

Não é demais lembrar que, muitas vezes, essa violência psicológica iniciada na escola gera a violência física, tanto no interior como fora do ambiente escolar. Da mesma forma que atos de violência na escola podem ser uma forma de descarregar a violência sofrida em casa, na família. Assim, a violência na escola pode ter sua origem em processos gerados no interior da escola, à partir de conflitos internos inerentes ao ambiente e dinâmica escolar e deflagrar processos e atos violentos dentro e fora do espaço da escola (“violência de dentro para fora”). Pode ainda ser reflexo de uma violência que acontece na sociedade que penetra o ambiente escolar afetando-o (“violência de fora para dentro”).¹⁴

Resistência à imposição de regras

Compreende-se que, em alguns momentos, a motivação para a violência instalada no cotidiano da vida escolar esteve ligada ao comportamento e papel do sujeito, principalmente, nas relações entre professor e aluno, onde o aluno desafia a figura dominante do poder do professor no interior da escola e até mesmo dentro da sala de aula:

Na minha sala tem um professor que é meio burro. Ele falou uma coisa mais sem noção em relação ao comportamento do aluno. O professor tinha falado e o aluno não tinha aprendido. Aí o aluno foi e respondeu com um palavrão. Então o professor mandou ele descer e assinar a ocorrência. (E1)

Fiquei sabendo que o professor pegou o menino para colocar ele do lado de fora da sala e aí ele bateu a cabeça na parede. Ele estava segurando o menino e ele virou pro lado assim e quando ele estava saindo na porta, ele bateu por que olhou pro lado. Só estava



segurando, nem segurando tava não, só colocando a mão nas costas assim do menino. (E6)

Esse que ficou nervoso e pegou a pedra, foi em relação a ele. Falou alguma coisa criticando ele, o jeito dele ser, alguma coisa assim, e ele passava por muito problema em casa, ele já era muito nervoso aí não aceitou não. Então queria agredir a professora. (E8)

Sabe-se que o descontentamento com a interação mantida com os professores leva os alunos a optarem por práticas de agressão, sobretudo verbais, na sala de aula.¹⁶ Um fator importante apresentado pelos adolescentes para a manutenção dessas arestas, nas relações interpessoais entre professor e aluno, está na certeza da impunidade do agente contraventor das regras estabelecidas pela instituição escolar, visto que nessas situações o aluno é encaminhado à diretoria para assinar uma ocorrência.

Permeia entre os adolescentes, que não são aplicadas as penalidades de suspensão e desligamento da escola no caso de reincidência de três ocorrências do aluno. Essas penalidades não vêm ocorrendo, pois existe um movimento humanitário e de direitos estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que extrapolam o poder da escola em manter afastado o aluno contraventor, fato que não acontecia em um passado recente. Hoje o aluno é, por vezes, obrigado a frequentar a escola por ordem judicial ou por necessidade de manutenção de acesso a recursos do governo, como a bolsa-escola, mesmo contra a sua vontade e de seus familiares e também da comunidade escolar.

Esse motivo é apresentado por muitos alunos, mas alguns tentam generalizar a situação como sendo problema de outros colegas, retirando de si a responsabilidade pelos atos que levam à assinatura de uma ocorrência, hoje considerada uma medida sem impacto sobre os alunos. Isto pode ser visto nas falas a seguir:

Quando teve bem uns dez minutos de briga a Diretora chega para acabar com a briga. Cada um foi pra um lado. Os dois assinaram ocorrência. (E5)

Eu acho que na época quando eu era mais [...] quando a pessoa é mais nova assusta, pensa que é uma coisa muito séria, depois que você vai vendo que não vai levar em nada, porque muita gente aqui já assinou várias ocorrências e não aconteceu nada [...] eles vão vendo que não tá mudando nada, eles perdem o medo, aí continuam fazendo bagunça, não muda nada [...]. (E8)

Essa sensação de impunidade que perpassa o imaginário coletivo no contexto escolar é fruto de avanços nos processos de reconhecimento e proteção do adolescente com base na Constituição Federal do Brasil e no ECA e da produção capitalista que acabam provocando transformações na estrutura familiar, reforçando o papel da escola e do Estado na educação a serviço da ordem social.⁶ Há de se ter cautela quando da tomada de decisões que envolvam não só a escola, mas o indivíduo e sua família mediada pela justiça ou pelo poder de polícia, para evitar que a preservação do direito de um acabe por invadir o direito de outrem.

Influência da estrutura familiar

A busca por sanar a necessidade humana básica de pertencimento, a identificação com determinado grupo, o reforço da autoestima e a proteção faz com que o adolescente



procure grupos específicos com os quais se identifique e se sinta protegido, mesmo que este não seja a sua família. Assim, outra questão presente na configuração da problemática da violência no universo escolar é a violência familiar.¹⁴ A influência da estrutura familiar por vezes desfigurada, a falta de instrução dos familiares e o convívio com pessoas de má índole também foram considerados pelos adolescentes como motivos para a violência na escola, uma vez que ficam sob a influência de grupos de referência de valores, crenças e comportamentos por vezes desruptivos:

Eu acho que bastante coisa vai da educação que a gente tem em casa, e depende muito da educação que você tem, o que o seu pai e a sua mãe te ensinam. O que você vê em casa é o que você faz na rua. E aqui na escola, por exemplo, os meninos são muito violentos, então qualquer coisinha é motivo de briga, e pra mim essa violência na escola é o que você aprende em casa. O que o seu pai e a sua mãe te ensinam é o que você vai demonstrar na rua. Eu acho que é uma falta de uma base na família, é uma falta de um pai, uma mãe para poder corrigir, para poder falar que isso não está certo. É o que você vê em casa, o que você vê seu pai e sua mãe fazendo é o que você vai fazer também, não só na escola, mas na rua também, o que você vê em casa é o que você faz, a educação que você recebe. (E3)

Com certeza isso vem de casa já, né? Falta de exemplo da família, falta de instrução. A pessoa violenta vem moldada de casa [...]. Não é que ela vai aprender isso em casa, mas os pais não instruíam. As amizades [...] aprende muita coisa com amizade errada também. (E4)

Só que eu acho que a questão da violência na escola vem de casa, infelizmente, às vezes os princípios que os alunos tiveram em casa, a educação que tiveram. Acho que a escola hora nenhuma é o causador, porque muitas pessoas dizem que é o aluno que faz a escola, porque se o aluno realmente quiser estudar ele vai ter pessoas à disposição de ajudar ele, a entender as matérias. Agora o problema é que às vezes ele não vem para a escola pensando em estudar, mas devido à educação que ele teve em casa ele vem às vezes meio revoltado e aí qualquer coisinha que acontece acaba fazendo alguma coisa sem pensar. Os jovens não tem aquela firmeza emocional ainda, eles não sabem controlar muito as emoções, então acabam fazendo alguma tragédia na escola. (E8)

Corroborando o que foi encontrado neste estudo, autores encontraram em seus resultados de pesquisa que, em relação à família, a violência, normalmente, está associada à presença de doença mental, uso de substâncias psicoativas (álcool e drogas), a cultura familiar, história de violência na família, ausência de um dos pais, dificuldade de acesso às estruturas de suporte social e jurídico, situações de pobreza, desemprego, desigualdade social, aceitação da cultura de violência e baixa escolaridade dos pais.⁶ Nesse ínterim, nota-se que os fatores individuais são reforçados por questões históricas, políticas, econômicas, culturais e sociais mais abrangentes, que, num processo de inter-relação se associam com a violência na escola e contribuem para a manutenção desse panorama até os dias atuais.¹⁴

Partindo do pressuposto que a história é construída a partir dos sujeitos, cuja visão do mundo, valores e sentimentos são moldados pela época e cultura em que vivem⁶, torna-se



prioritário reforçar, de imediato, a cultura da paz e o reconhecimento e valorização da criança e do adolescente enquanto sujeitos de direito na tentativa de reverter esse quadro.

Uso de drogas e marginalidade

O afastamento de colegas usuários de drogas também foi apontado pelos adolescentes, caracterizando-os como colegas pouco confiáveis nas relações com maior intimidade:

O nosso amigo que estudava aqui, ele "mexia" com droga. Ele era super gente boa. [...] Era ele pra lá, na rua. Todo mundo sabia, só que ele era muito na dele, entendeu? Claro que era uma convivência diferente do que com as outras pessoas, né? Não contava nossa intimidade nem nada pra ele, nem saíamos com ele. A relação era só aqui dentro da escola mesmo, só cumprimentando. Sentimento? Era como amizade mesmo. A gente sempre ficava falando: não, larga isso, você é muito gente boa, não mexe com isso não. Ele falava que não prejudicava ele em nada aí a gente nem tocava no assunto mais. (E2)

De maneira específica, com relação às drogas e ao narcotráfico, a motivação para a violência é o não pagamento do produto consumido, gerando dívidas que acabam sendo quitadas com a morte do aluno drogado:

Só que ele foi comprando, comprando, deixando a dívida aumentar e fizeram o que fizeram com ele (mataram ateando fogo). A gente nem tocava no assunto nem nada, entendeu? Era uma coisa assim muito particular dele. (E2)

Outros adolescentes apontam o furto de pequenos objetos como sendo motivo para a violência, normalmente a física:

Já vi homens brigando na porta da escola. Porque tem um menino que estuda aqui que ele é "DJ" e o outro também começou a ser e pegou a música desse outro, pra poder tocar e isso gerou briga, entendeu? (E2)

Porque tava roubando meus lápis de cor, eu tava emprestando e não tava devolvendo. Aí eu fui e bati nele. (E7)

Para essas três últimas situações há que se valorizar o contexto da violência e uso de drogas. Estes dados encontram respaldo em um levantamento histórico realizado em 2001 que apresenta a escola enquanto uma instituição permeável à influência do crime organizado e do narcotráfico. As regiões marcadas pela presença desse fator social acabam evidenciando não só o poder exercido pelas lideranças criminosas no cotidiano das pessoas, mas as múltiplas relações decorrentes da forma individualista da sociabilidade direcionada para o consumo, que afeta, de modo particular, os adolescentes.¹⁶ Este estudo aponta ainda que a criminalidade e a insegurança possuem influência direta no clima escolar, com efeitos deletérios nas relações entre os membros da comunidade escolar, tornando comuns práticas de incivilidade como brigas, agressões físicas e verbais e danos ao patrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostra que a origem da violência tem raízes multifatoriais que envolvem situações vivenciadas no interior da escola, mas também em fatos e acontecimentos na família e na comunidade. O desvelamento das motivações de violência, na percepção do adolescente, indica uma revisão indispensável quanto ao sentido das práticas educativas na escola destinadas aos adolescentes.

Diante dessa perspectiva multidimensional de extrema complexidade e conscientes dos limites da ação da escola, reforçamos a necessidade de integrar ações de diversos setores (saúde, educação, esporte, cultura), bem como organizações governamentais e não-governamentais ligadas ao contexto das práticas no cotidiano da escola. Nesse sentido, são bem-vindas ações que levem em consideração a perspectiva de articulação, construção e estruturação de uma rede social que permita prestar melhor assistência e conseguir maior adesão dos adolescentes a essas práticas.

Estabelecer múltiplas parcerias com diversos setores e atores sociais e da sociedade civil, das áreas da saúde e educação para redução da morbidade e mortalidade de adolescentes em decorrência de atos e situações de violência é um dever a ser cumprido pela sociedade atual.

Aliado a essa rede assistencial e de apoio, direcionar ações para empoderar os adolescentes sobre seus direitos de acesso aos serviços de promoção da saúde também é fundamental nesse processo. Nessa direção, é hora de acionar o nosso protagonismo na luta pela cidadania, para mudança nesse cenário, fazendo valer a cidadania dos adolescentes.

Essas estratégias de ação devem ter como objetivo interromper as (re) vitimizações pela violência, assim como as suas consequências no cotidiano atual e na vida futura dessas crianças e adolescentes, propiciando condições para o diálogo e o trabalho pacífico entre pessoas, instituições, empresas, potencializando as ações do Estado na busca da melhoria da qualidade de vida e felicidade para os nossos jovens cidadãos.

Enfim, este estudo aponta importantes subsídios para que os profissionais da saúde e educadores possam intervir de forma positiva na prevenção da violência, principalmente, entre os adolescentes. Agora é caminhar na direção do estabelecimento de uma cultura de paz que integre o ambiente escolar aos demais eixos correlatos à dinâmica de vida do adolescente, a saber: a família, os grupos de amigos, a equipe de saúde e a comunidade.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde das crianças e adolescentes: prevenção de violências e promoção da cultura de paz. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.
2. Ricas J, Donoso TV. Maus tratos na infância: reflexões. *Reme rev min enferm.* 2006;10(3):306-10.
3. Melo MCB. Abordagem da criança e do adolescente vítima de maus-tratos [internet] [acesso em 2010 fev 22]. Disponível em: http://www.medicina.ufmg.br/spt/saped/maus_tratos.htm.
4. Avanci JQ, Assis SG, Oliveira RVC, Pires TO. Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo. *Ciênc saúde coletiva.* 2009 abr;14(2):383-94.
5. Rogers MJ, Holmbeck GN. Effects of interparental aggression on children's adjustment: the moderating role of cognitive appraisal and coping. *J Fam Psychol.* 1997;11:125-30.



6. Ricas J, Donoso MTV. Aspectos históricos da educação no Brasil versus violência física na infância: reflexões. *Rev méd Minas Gerais*. 2010;20(2):212-7.
7. Donoso MV, Ricas J. A prática do castigo físico em crianças na visão dos perpetradores. *Rev enferm Cent-O Min [periódico na internet]*. 2011 [acesso em 2010 fev 22];1(2):[10 telas]. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/17/148>.
8. Erikson EH. *Identidade: juventude e crise*. 2ª ed. Cabral A, tradutor. Rio de Janeiro: Zahar; 1976.
9. Finkelhor D, Ormrod RK, Turner HA. Re-victimization patterns in a national longitudinal sample of children and youth. *Child Abuse & Neglect*. 2007;31(5):479-502.
10. Harrington R, Rutter M, Fombonne E. Developmental pathways in depression: multiple meanings, antecedents and endpoints. *Development and Psychopathology* 1996;8:601-16.
11. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec; 2008.
12. Bardin L. *Análise de conteúdo*. 4ª ed. Lisboa: Edições 70; 2009. 281 p.
13. Seffner F. Gênero, sexualidade, violência e poder. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. *Educação para a igualdade de gênero*. Programa 1. 2008 nov;XVIII(26):15-9.
14. Candau VM. Direitos, violência e cotidiano escolar. *DHnet Rede Direitos Humanos e Cultura [online]*. [acesso em 2010 ago 18]. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_dhviolencia.html.
15. Levisky DW, organizador. *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção "conhecendo, articulando, integrando e multiplicando"*. São Paulo: Casa do Psicólogo/Hebraica; 2001.
16. Sposito P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educ pesq [periódico na internet]*. 2001[acesso em 2010 fev 22]; jun;27(1):87-103. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/298/29827107.pdf>

Data de recebimento: 23/09/2011

Data de aceite: 10/01/2012

Contato com autor responsável: Luciana Netto

Endereço postal: Rua Sebastião Gonçalves Coelho, 400 sala 301.4 Bloco D - Chanadour - Divinópolis - MG - CEP 35.501-296

E-mail: luciananetto@ufsj.edu.br